

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
Com estampilha . . . . . 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio  
avulso . . . . . 20 »  
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

## PROPRIETARIO E EDITOR

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Crispim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha  
Anuncios e comunicados . . . 50 » » »  
Repetições . . . . . 25 » » »  
Anuncios permanentes, contracto especial.  
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## O SOCIALISMO NAS LEIS E NO ESTADO

I

Vivemos ao lado uns dos outros, mas n'um constante antagonismo, que domina a terra, o capital, a industria, e o commercio.

Não ha communhão d'interesses, nenhuma igualdade nas condições da vida, nenhum systema nas forças economicas.

Se o direito obriga os homens á reciprocidade, a contribuirem para que se realice o destino comum, como se não facultam a qualquer d'elles os meios de ser activo e de adquirir de modo que estes se iguaem?

Mas além de que os meios d'acção se acham distribuidos com enorme desigualdade, que n'uns excasseiam, n'outras faltam completamente, e n'outras se accumulam, que lei, ou norma regula a aquisição, a gradúa, ou proporciona ao esforço productivo?

A aquisição é arbitraria, de que depende ella?

Não depende só do trabalho, ou do esforço individual, mas em primeiro logar do capital applicado, que representa já muitas actividades exercendo-se em proveito d'um só; depende da miseria, que não deixa o proletario livre em aceitar ou recusar o que lhe oferecem pelo seu labor; e depende de muitas circumstancias, umas casuaes, outras variaveis no actual regimen economico, como são os preços, os mercados, a população, a concorrência.

Não se graduando pelo trabalho, pelo esforço de cada um, nem ainda pelo merito da obra, ou valor do serviço, não havendo norma alguma, que a regule, a propriedade acha-se sem regimen, sem uma sancção juridica no rigor d'esta phrase.

Por outro lado as grandes empresas vencem, ou evitam os maus efeitos da concorrência, a que as pequenas estão fatalmente sujeitas, de modo que as primeiras diminuem e até absorvem os lucros das segundas—podem aquellas esperar, salvar-se das crises, recorrer ao credito, armazenar, ou vender nas occasiões opportunas, e applicando em grande eschala a divisão do trabalho, e os mecanismos, conseguem baixar os preços a um ponto em que são ruinosos para os pequenos empregadores.

Sem solidariedade, sem ligação de interesses, a vida economica, entregue a uma concorrência feroz, illimitada, é a desordem, a anarchia—lutam entre si as forças seductoras; nenhuma organização, nenhum systema as harmonisa, agora faltam os productos, agora abundam, os preços sobem, ou descem d'improviso—d'ahi as crises, as liquidações violentas, a relação entre os elementos economicos, que infinitas circumstancias alteram, varia constantemente, e com estas flutuações todos sofrem.

O salario mesmo guerreia o salario.

Eis o estado de antagonismo,

na certeza, variação, e luta, em que se acha a ordem social, e que deviam desaparecer começando por ser um direito a egualdade nos meios d'acção ou a sua equivalencia.

Quantos codigos, quantas leis sobre a propriedade adquirida, nenhuma sobre o modo de adquirir!

Ha de certo fins communs bem protegidos, mas não as abona o direito puro—porque não se estende além da personalidade—assim o Estado, que é a expressão, o agente dos interesses geraes, obriga pela força, não obriga pelo direito!

Socialmente são convenções, a que obedecemos e que dominam.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

## A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

E' necessaria muita paciencia, para soffrer as insidias e calumnias dos «irmãos unidos», com as quaes procuram encobrir as desastradas administrações municipaes a que elles presidiram, mas esperamos que não nos ha-de faltar a resignação precisa.

A's injurias pessoas e directas não respondemos n'este campo.

Principiaremos pelo «Calvario», aonde vimos a camara actual no meio de duas camaras transactas.

No cimo das cruces viam-se algarismos designando quantias diferentes, que eram na do meio 8:900\$000 réis e nas lateraes 51: 00\$000 e 59:000\$000 réis.

Essas quantias indicavam a importancia total das despesas escripturadas no anno de 1905, e nos triennios relativos a cada uma das outras camaras (as lateraes).

Um dos crucificados lateraes accusa a camara de, por odio, ter dividido o partido medico de Vallega em dois, deixando a freguezia sem facultativo algum, quando hoje mais do que outr'ora, eram necessarios os serviços clinicos, por virtude do grande aumento da população.

Que esse odio era tanto mais censuravel quanto era exercido contra um velho.

Só o facciosismo retrincado é que póde fazer semelhante accusação.

A camara póde e deve ser accusada de não ter demittido o antigo facultativo do partido municipal, porque elle, ha annos, que não tem a sua residencia em Vallega, vivendo na freguezia de Avanca.

Innumeras vezes tem sido procurado para casos urgentes, e não foi encontrado, sendo assim os doentes obrigados a recorrer a outros facultativos, a quem têm de pagar honorarios pesados, attendendo á distancia a que moram.

A accusação feita n'estes termos era justa, embora não se coadunasse com a conhecida brandura dos nossos costumes.

Ora não vivendo o facultativo municipal na área do seu partido, e estando elle pela sua saude impossibilitado de satisfazer a todas

as necessidades do partido, e não tendo a camara recursos para pagar a outro facultativo igual ordenado ao d'elle, e não querendo applicar o rigor da lei, (a demissão) a quem ha bastantes annos exercia, ou bem ou mal, um cargo, procedeu muito bem em dividir o partido em dois.

E esta deliberação é muito legal.

Accusa o «irmão» a camara de não ter um plano de melhoramento municipal, nem ideia alevantada de progresso.

Effectivamente, a camara devia ter em vista a urgente necessidade que ha sobre a construcção immediata d'umas cadeias; a substituição da actual canalisação das aguas dos chafarizes; a illuminação da villa a gaz ou electricidade e o melhoramento da viação.

Estas necessidades, porém, não são d'hoje, datam de ha muitos annos, e quando o municipio dispunha de cerca de 200 contos de réis em pinheiros da «Estrumada» tudo se dissipou e nada se fez.

Na actualidade os rendimentos municipaes são pequenos, comtudo, administrados com economia e honradez, ainda fica um pequeno saldo annual, e n'estas circumstancias logo que a Providencia nos dê vereadores honrados, durante alguns annos, os saldos accumulados podem satisfazer ás necessidades municipaes.

Não deve a camara recorrer a emprestimos ou a augmento de contribuições, porque não só estas medidas não seriam approvadas pelos quarenta maiores contribuintes, mas tambem porque grande maioria do concelho, se não a totalidade, não as receberia de bom grado; e a camara é a representante dos municipes.

As regras, que presidem á economia particular, devem presidir á economia municipal.

Quem não pode viver n'um palacio, vive n'uma choupana.

Quem compra sem poder, vende sem querer.

Oxalá que todos os administradores do municipio assim o tivessem pensado e usado; e fazemos votos para que não nos volte uma camara com as ideias e «planos alevantados» do «irmão», porque então ai dos nossos bens!

Aos «dois irmãos» repetiremos, que mentem, quando dizem, que o Manoel das Cabras recebe quantia alguma da Camara, seja a que titulo fór.

Quem mente com conhecimento de causa não é só mentiroso, é tambem.

A «irmã discussão» quanto mais quer defender a Camara transacta, tanto mais a compromette.

Vem a redacção e diz que os terrenos do Largo do Martyr, custaram á fabrica 2:580\$000 réis, e vem o Patarata e diz «amen».

Affirmando quasi «categoricamente» que os 40\$000 réis, que o ex-presidente recebeu particu-

larmente, e que pertenciam á Camara, os applicou em seu beneficio.

Será tudo assim.

Nós porém não pretendemos discutir qual o preço porque a fabrica tem os terrenos, porque póde muito bem acontecer, que tivessem de pagar commissões, presentes etc.; o que discutimos é quanto recebeu a Camara.

E dizendo-se que ella recebeu 980\$000 réis, quando havia quem desse 3:000\$000 réis contados e certos, evidentemente que houve um prejuizo de 2:120\$000 réis.

Quem é o responsavel?

O «Patarata», comendo no vomitado dos «irmãos», ha-de deitar sempre asneira, até faz articulados.

E' sciencia de orelha.

Esta alma damninha, que ainda não tem 50 annos, se não se lembra de quaes os limites antigos do pinhal do Snr. Polonia, pergunte aos visinhos, e se não se lembra tambem de que a Camara do seu director politico deu de mão beijada a um proprietario que fica para o nascente do pinhal em questão, uma área de perto de um alqueire de sementeira, não lh'e exigindo sequer os emolumentos do alinhamento, informe-se.

E' mansinho este «Patarata», mas tanto vira como desvira.

Quem te viu e quem te vê!!!

O «irmão» no ultimo numero lavou toda a roupa suja, pois declara muito emphaticamente que vive de trabalho, que a sorte o bafeja, e que a honra d'elle é de tal raça que nas grandes sociedades e empresas, em que tem entrado, ninguem lhe pede «recibos». —Appoiado.

O trabalho é vida, e esta se é grande, é vidissima, se é pequena, é «vidinha».

E assim elle vive d'uma ou d'outra conforme as circumstancias.

Faz muito bem e nós nada temos com isso.

Diremos só que no commercio honesto e sério não se prescindem dos recibos.

A «irmã» embirrou em teimar, que nós que embirramos com a fabrica de conservas.

E' má essa teimosia.

Podemos garantir que ninguem mais do que nós deseja a prosperidade d'essa sociedade ou de qualquer outra, sobretudo quando d'ella, possam provir beneficios para a nossa terra.

O que nós não queremos é que se prejudiquem os bens municipaes em proveito d'essas sociedades, visto as Camaras não terem parte nos lucros.

Só deve perder, quem tem probabilidades de ganhar, e vice-versa.

O «irmão», paladino, á ultima

hora, dos pescadores, grita contra a declaração feita nas matriculas de que as «soldadas» d'aquelles são «particulares».

Prega mais - que isso constitue um abuso, e quem quizer vêr seriedade nos contractos, olhe para a «Boa Esperança».

Nunca, em Ovar, os pescadores ganharam uma quantia fixa, pois, além do que se chama soldada, vencem uma percentagem sobre o producto liquido do pescado, e esta percentagem varia conforme a quantidade do pessoal. Logo é completamente impossivel, nos contractos, poder determinar-se o vencimento exacto de cada pescador, e é por isso que, desde sempre, nas respectivas matriculas, se declara que a soldada ou ajuste é particular.

Com a companhia «Boa Esperança», que se montou este anno, não se dá a mesma coisa, pois cada pescador ganha uma diaria certa, e, apezar d'isso, tambem na matricula d'essa companhia se declarou relativamente a doze homens, que a soldada era particular.

E por esse facto nunca os senhorios, sejam elles quem forem, deixarão de pagar o que devem, do contrario succeder-lhes-ia não terem gente para o futuro; e as companhias d'aqui são antigas.

Este «moralista» é muito bem conhecido.

Mais moral avariada.

Não quer o «irmão» que a Camara tenha dois officiaes, e mais um jornalista encarregado da limpeza do edificio dos Paços do concelho, porque isto constitue um desperdicio.

Este, hoje «catão», apenas entrou para a Camara, em tempos que lá vão, passou a pagar mensalmente a guardas da Estrumada a quantia mensal de 37\$200 réis, quando até ahi se pagavam 18\$000 réis, o que no fim do anno representava uma differença a mais de 230\$400 réis.

Quando fez o Jardim da Estrella, pagava a inspectores, subinspectores, fiscaes e sub-fiscaes, e jornalheiros.

O «irmão» pode estar tranquillo, porque a camara actual não segue as suas pisadas na administração municipal.

A Visão dos Tempos—e as Modernas Ideias na Litteratura Portuguesa

VI

Não serviu a historia dos Bardos ao Sr. Theophilo para justificar os seus maus juizos, mas veio suggerir-me argumentos, que devem ser attendidos.

Lendo nas *Ideias*, que no n.º 4 dos Bardos de 52 havia a prova de o Noivado pertencer ao illustre plagiario, o natural, e o que todos fariam no mesmo caso, era reduzir-me ao silencio, e não querer mais bulha sobre a imputação feita a Soares de Passos, que o Sr. Theophilo declara uma falsidade.

Mas pelo contrario:

Sou eu, que indignando-me protesto logo em cartas ao Sr. Theophilo, sou eu, que vou para os jornaes renovar a velha reclamação, sou eu que me dirijo a este e aquelle, e até ao sobrinho do dono da Typographia, onde os Bardos se imprimiam, e que era tambem o proprietario da Edição de 54, sou eu que em busca d'informações que devia receber, e deviam confundir-me, se a verdade não estivesse do meu lado, accetto do Sr. Antonio Simões Dias o favor de averiguar-a no Porto, quanto podesse,—e felizmente para mim o Sr. Simões encontrou no Sr. José Lopes da Silva, contemporaneo da Edição de 54, que sabe como ella se fez, um informador, cujo testemunho é irrecusavel, mas a que, sem poder contestal o, o meu orgulho critico prefere o seu futil exame.

Ninguem mais do que eu conhece o engano, ou a imprudencia com que leviano a principio, e por fim já intencional, sem receio d'uma offensa grave, largou da pena esta patacoada—«que a falsidade da imputação estava provada!»—é-me licito rir d'ella, temperando o riso com a triste reflexão d'estarmos sujeitos a calumnias auctorizadas com papeis, quando ha peritos como o sr. Theophilo para os julgarem authenticos.

Muito engraçado diz-me singelamente n'uma carta, «que procedera com toda a segurança».

E' a mim—mesmo que o diz! Tal é a sua prevenção indisculpavel por ter tido muito ensejo e meios de desfazer-a, e porque da Edição de 54 não concluiu, a sua authenticidade, nem é possível concluir-se do famoso quadro bibliographico, que duas vezes removeu na Revista do Seculo.

E ao mesmo tempo, que me affirma ter procedido com toda a segurança, confessa, que não se fiando em si fóra consultar o Sr. Alberto Carlos da Silva na Bibliotheca Nacional de modo que nas *Ideias Modernas* affirmou aquillo de que não estava seguro.—Muito bem.

Dirijo-me ainda ao Sr. Carlos da Silva, e pergunto-lhe—«se da Edição de 1854 se pode concluir em rigor, ou absolutamente, que o Noivado se publicasse em 1852 ou se esta data se pode considerar authentica.

Dignou-se responder-me.

1.º Que o Noivado se acha entre as poesias, que então datadas de 52; e no numero respectivo da edição de 54—

2.º Que d'ahi se inferia que o Noivado foi publicado em 1852—

3.º Que era muito difficil provar o contrario.

4.º A não haver informações particulares, que destruissem a fé d'aquelle livro.

Segue-se d'aqui:

1.º Desde, que podem haver informações particulares que provem o contrario, tambem da simples inspecção do livro se não conclue, nem se póde concluir em vigor, seja authentico em relação á data do *Noivado do Sepulchro*.

2.º Se é difficil provar-se o contrario do que o livro affirma, tambem é preciso provar, que a sua affirmativa é verdadeira.

3.º E não se prova, que o seja senão quando se mostre, que não differe dos Bardos originaes, ou publicados e distribuidos no anno de 1852.

4.º E não se mostrou nem é possível que se mostre.

5.º Ora uma informação particular, sincera, idonea, veiu destruir a fé do livro, a sua imaginaria authenticidade.

Assim a mesma resposta do sr. Carlos da Silva não auctorisa ninguem a lançar-me em rosto uma indignidade, que nem os «Bardos», nem as minhas rasões de diverso genero, nem o meu caracter, nem a critica independente de documentos e testemunhos, permitem ao sr. Theophilo o inconsiderado arrojio d'attribuir-me.

Publico hoje o *Firmamento* corrigido.

Apezar de eu ter indicado ao sr. Passos, onde era preciso corrigil-o, elle, inconsciente do assumpto, não fez, nem sabia fazer as correções, e por ahi denunciou mais uma vez a escandalosa rapinagem.

Explicarei no numero seguinte a necessidade de alterar o mesmo de supprimir algumas estancias—d'essa explicação, da analyse das ideas, sobre que todas e cada uma

versam, dos segredos da composição, que só eu posso revelar, e da critica das poesias do sr. Passos comparadas com as, que reclamo e dos testemunhos, de que não é justo duvidar-se, dos muitos pormenores, que tendo referido, e que nem a mentira em pessoa inventaria, hade sahir a convicção profunda de que não faltei á verdade.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## LITTERATURA

### O FIRMAMENTO

Abriu-se o templo agora, ó deus immenso,  
Onde por certo habitas!  
E tu, ó santa luz, commigo penso,  
Adorando-o palpitas!  
Uma ponta do veu mysterioso  
No seu tabernaculo eis corrida,  
Aqui na terra e lá no ceu formoso  
Tudo em silencio a meditar convida!

O' mundos, que no abysmo ides correndo,  
Quaes são vossos destinos?  
Saber do genio humano em vão pretendo.  
Os mysterios divinos!  
Se pullulais do Ser, o mais potente,  
Sumir-vos-heis por fim na eternidade,  
Como faiscas do seu coche ardente  
Ao rolar atravez da immensidade?!

De quantos brilham cada qual encerra,  
Um sol, que apenas vejo,  
Monarcha d'outros mundos como a terra,  
Que formam seu cortejo.  
Ninguem pode contar-vos quem podera  
Esses mundos contar a que dais vida,  
Escuros para nós qual nossa esphera  
Vos é nas trevas da amplidão sumida!

E vós que fluctuaes lá perto accesas  
Do throno soberano,  
Quem vos hade seguir nas profundezas  
D'esse ethereo oceano?  
E quem hade contar-vos n'essas plagas,  
Que os ceos ostentam de brilhante alvura,  
Lá onde sua mão sustem as vagas  
Dos sões que um dia romperão a altura?

Ah! como tudo esplende e tudo gyra!  
Tudo é vida e fulgores!  
E cada mundo sonora lyra,  
Cantando os seus louvores!  
Cantai, ó mundo, que seu braço impelle,  
Harpas do coração, fachos do dia,  
Cantai louvor universal áquelle  
Que vos sustenta e nos espaços guia!

O' terra, tu que geras nas entranhas.  
Meu ser, o ser humano,  
Que está com teus vulcões, tuas montanhas,  
Com teu vasto oceano?  
Tu és um grão d'areia arrebatado  
Por esse immenso turbilhão de mundos  
Em volta do seu throno alevantado  
Do universo nos seios mais profundos!

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho,  
Que soberbo t'elevas,  
Buscando sem cessar abrir caminho  
Por tuas densas trevas?  
Que és tu com teus imperios e colossos?  
Um átomo subtil, um frouxo alento:  
Tu vives um instante, o de teus ossos  
Só restam cinzas que sacode o vento!

Mas tu pensas! e os giros das espheras  
A razão encadeias—  
És como Deus, um Criador deveras  
Na chamma das ideias!  
Alegra-te immortal, que esse alto lume  
Não morre em trevas d'um jazigo escasso!  
Gloria a Deus, que d'um atonio resume  
O pensamento que transcende o espaço!

Caminha, o rei da terra, se inda és pobre,  
Conquista aureo destino,  
E de seculo em seculo mais nobre  
Eleva a deus teu hymno!  
E tu, ó terra, nos floridos mantos  
Abriga os filhos que em teu seio geras,  
E teu canto d'amor reúne aos cantos  
Que a deus s'elevam de milhões d'espheras!

Dizem que tu já vergas, moribunda,  
Ha muito decadente,  
Oh! não, de tanto sol que te circumda,  
O teu inda é fulgente—  
Tu és joven ainda, a cada passo  
Tu assistes de um mundo ás agonias,  
E rólás entretanto n'esse espaço  
Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! além scintilla  
Hoje um astro brilhante,  
Amanhan eil-o treme, eil-o vacilla,  
E fenece arquejante—

Que foi? quem o apagou? foi seu alento  
Que s'extinguiu na luz já fatigada,  
Foram seculo mil, foi um momento,  
E tudo n'elle foi volvendo ao Nada!

Um dia, quem o sabe?, um dia ao pezo  
Dos annos e ruínas,  
Tu cahiras n'esse vulcão acceso  
Em teu sol denominas—  
E teus irmãos tambem, esses planetas,  
Em a mesma vida, a mesma luz inflamma,  
Attrahidos emfim quaes borboletas,  
Cahirão como tu na mesma chamma!

Então, ó sol, estão n'esse aureo throno.  
Que farás tu ainda,  
Monarcha solitario, em abandono,  
Como tua gloria finda?  
Tu findarás tambem, a fria morte,  
Alcançará teu carro chammejante!  
Ella te segue, e prophetisa a sorte  
Nas manchas que toldam teu semblante.

As sombras pousarão no vasto imperio,  
Em teu facho alumia!  
Mas que vale de menos um psalterio  
Dos orbes na harmonia?  
Outro sol como tu, outras espheras,  
Virão no espaço descantar seu hymno,  
Renovando nos sitios, onde imperas  
Do sol dos soes o resplendor divino!

Quem sabe? O Eterno um dia meditando  
Outro ceu mais perfeito  
O Ceu d'agora ao seu altivo mando  
Talvez caiu desfeito!  
Então mundos, estrellas, soes brilhantes,  
Qual bando d'aguas na amplidão disperso,  
Chocando-se, em destroços fumegantes  
Desabarão no fundo do universo!

E a vida, julgo, que ella refluindo  
Ao fogo d'onde veio,  
Com seu mysterio então s'irá sumindo  
Lá no divino seio!  
Acabado por fim quanto fulgura,  
Apenas restarão na immensidade  
O silencio aguardando a voz futura,  
O tempo, a solidão, e a eternidade!

Lourenço d'Almeida Medeiros.

## Boletim Elegante

Faz annos, no dia 17 o sr. José Vidal, dig.<sup>mo</sup> sub-inspector primario, do circulo escolar d'Oliveira d'Azemeis.

Chegou á sua «Villa Paraense», no Furadouro, vindo de Lisboa, o sr. Commendador Manoel Pereira Dias e sua Ex.<sup>ma</sup> familia.

## NOTICIARIO

### Conferencia

No dia 8 do corrente realisouse, no theatro do Principe Real, da cidade do Porto, a conferencia na qual o nobre presidente do Conselho de Ministros o sr. conselheiro João Franco expoz o programma do seu governo, e deu conta dos actos praticados pelo actual ministerio.

Sua Ex.<sup>a</sup> foi entusiasticamente applaudido, produzindo o seu discurso optima impressão na Assembleia que foi extraordinariamente concorrida por influentes politicos, não só da cidade, mas tambem d'outros pontos do paiz.

Depois de sua Ex.<sup>a</sup> ter concluido a sua oração, outros oradores se inscreveram, fallando tambem sobre as bases do programma do governo, e sendo applaudidos.

Terminada a conferencia ás 3 e meia horas da tarde, o sr. conselheiro João Franco dirigiu-se de trem, á estação de S. Bento, acompanhado do Ministro da Justiça, o sr. conselheiro José Novaes, e d'outros vultos politicos.

Na estação foram levantados «vivas» ao sr. conselheiro João Franco á familia Real, sendo calorosamente correspondidos.

Sua Ex.<sup>a</sup> regressou no mesmo dia á Capital, no rapido das 4,35 da tarde.

## AVENÇAS

Por despacho de 11 do corrente mez, foram auctorizadas avenças para os depositos de generos sujeitos ao imposto do real d'agua.

## INCENDIO

No dia 9, pelas 10 e meia horas da manhã, manifestou-se incendio n'uma porção de rama de pinheiro na Travessa da rua da Fonte, pertencente a Antonio Pereira de Rezende, sendo promptamente extinto pelos vizinhos.

Sahiu a bomba de incendios da Associação de Bombeiros Voluntarios, que não chegou ao local do sinistro, por ter recebido noticia da extinção do incendio. Compareceu a auctoridade administrativa.

## PESCA

Em virtude do mar não o permittir, não tem havido n'estes ultimo dias trabalho de pesca, na Costa do Furadouro.

## RAPTO

Na noute de 9 para 10 do corrente, foi raptada por um rapaz da vizinha freguezia de Avanca uma formosa e rica menina, tambem d'ahi.

Consta que se dirigiram para a estação dos caminhos de ferro, d'esta villa, onde tomaram o comboyo em direcção ao Porto.

## SENHORA DO CARMO

No proximo domingo, realisarse-ha, na Igreja Matriz, a festividade a N. Senhora do Carmo, havendo de manhã, missa solemne a grande instrumental e sermão ao Evangelho pelo Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>o</sup> Borges, e de tarde «Te-Deum» e sermão pelo Rev.<sup>mo</sup> João Cyrne abba-de dos Carvalhos.

A QUESTÃO DAS CARNES

O nosso collega *Commercio de Vizeu* publicou ultimamente um artigo ácerca d'esta momentosa questão, no qual traduz as aspirações da importante região cujos interesses defende.

A Beira Alta é uma das provincias do paiz que maior quantidade degado fornece para o abastecimento da capital, e portanto uma tambem a cujos interesses mais se torna necessario attender. As circumstancias que ali se dão, n'este ramo de industria agricola, são com pequenas differenças as mesmas que se dão no nosso districto, e perfeitamente analogas as causas que estão determinando o estado precario a que ella tem chegado.

Tambem lá se reconhece que o preço estipulado no actual contracto, para o fornecimento de carnes para a capital, é sufficientemente remunerador, mas não se consegue obtel-o, como cá, porque são tantas as difficuldades e entraves que propositadamente se levantam á venda directa do criador á camara de Lisboa, que este se vê na dura necessidade de se entregar nas mãos de entremediarios gananciosos que lhe absorvem todo o fructo do seu trabalho.

E' este verdadeiramente o grande mal que hoje afflige os nossos lavradores e a que não tem sido possivel pôr cobro, por isso que todos parecem apostados, desde o arrematante até aos fiscaes do cumprimento do seu contracto, em sobrecarregarem a industria agricola com uma série tal de exigencias e por tal modo complicadas que se tornam inexiquiveis.

As conclusões a que chega o artigo a que nos vimos referindo são edenticas, se não as mesmas na essencia das que a commissão do nosso districto apresenta no seu bem elaborado relatorio. Nem podia ser de outra fórma, pois que sendo o mal e as causas que o determinam perfeitamente as mesmas, o remedio para ser efficaç deve tambem ser igual.

Parece, portanto, que se harmonisam, e amalgamam as justas reclamações dos povos do norte do paiz, concretisando-se em um esforço simultaneo para fazer valer as suas legitimas pertensões, o que deixa alimentar a esperança de que serão attendidas.

A camara municipal de Lisboa já está tratando do assumpto, encarregando a sua resolução a uma commissão especial de que fazem parte homens muito competentes, e que já teem manifestado as suas opiniões a este respeito pela imprensa. Perante essa commissão foi presente já o relatorio da nos-

sa com as suas conclusões, para as quaes se chamou a sua especial attenção,

Por communicação da capital, sabemos que o sr. conde d'Agueda conferenciou com o sr. José Bello, vereador da camara municipal de Lisboa, ao qual expôz as reclamações dos creadores do districto d'Aveiro e de outras regiões a quem egualmente interessa a reforma do contracto. O sr. José Bello, concordando com as justas queixas dos lavradores, prometteu ao sr. conde d'Agueda que, na futura escriptura, **se acabariam com os Intremediaros e agente do arrematante, sendo o lavrador quem directamente por si ou por intermedio dos municipios, venderia o gado para o consumo de Lisboa.**

Tambem o antigo deputado por Aveiro e nosso querido amigo expôz ao sr. presidente do conselho as razões dos creadores, e sua ex.ª, concordando absolutamente com a justiça das reclamações, affirmou ao sr. conde d'Agueda que o proximo contracto não seria assignado sem que elle, chefe do governo, o estudasse e revisse, para serem acautelados de uma vez e com seguras garantias os interesses da lavoura.

Folgamos em poder dar aos lavradores esta importante noticia e estamos certos de que a promessa do sr. conselheiro João Franco e José Bello hão de ter realidade, para bem dos criadores e abatimento dos gananciosos e deshumanos contractadores que só tem querido saber de governar-se e enriquecer-se.

Que os pericões e os bellas nos perdõem a parte que tomamos na sua ruina

Lê-se n'uma carta do sr. Xavier de Carvalho, que fora elle quem só promovera a festa glorificadora de Theophilo Braga, não era preciso dizel-o--mas será bom que se acautele com as glorificações, não vão os sabios e os litteratos de Paris rebentarem de riso, quando lerem os escriptos e apreciarem o valor dos glorificados.

Beneficencia Escolar

Acham-se affixados os editaes da Commissão d'esta freguezia, abrindo concurso para a concessão de trinta subsidios a igual numero de creanças extremadamente pobres que queiram frequentar as escolas officiaes. O concurso acha-se aberto até ao dia 15 do primeiro mêz d'agosto, devendo até essa data os paes, tutores ou

duas grossas lagrimas a treme-rem-lhe á flôr das palpebras. —Está aqui o papá? perguntou o Miguel. —Está, meu filho, está. —Na guerra? —Sim, meu rico amor, na guerra. O Miguel ficou pasmado a olhar para a Criméa, e exclamou: —Eu quero ir á guerra dar um beijo ao papá. —Oh! meu filho! —O que é a guerra mamã? Não sei, Miguel. O teu papá, quando vier ha de contar-nos, sim? No dia seguinte, logo depois da ceia, quando o menino já dormia no regaço da mãe, o Miguel pediu: —Eu quero ver outra vez o papá. E foi procurando, pouco a pouco, pelo mappa. Assim que apontou a Criméa, exclamou radiante: Ah! aqui está elle! E depois, no outro dia, logo á bôca da noite, bateram apressadamente á porta. Quem seria, Jesus! A mãe do Miguel até tremeu. Pégou na creancinha e foi vêr

Os interessados podem pedir esclarecimentos aos professores ou a qualquer dos membros da commissão que são—Dr. Pedro Chaves, Rev. Abbade, Dr. João Lopes, Padre Francisco Marques e Joaquim Ferreira da Silva aos quaes podem tambem entregar os requerimentos.

UM ARTIGO DE ROCKEFELLER

COMO ELLE GANHOU OS MILHÕES

(Conclusão.)

«Nunca esqueci estas palavras: —diz o milionario, e nunca mais as esquecerei. Um dia quando tinha maior idade, meu pae disse-me:

«—Meu filho, aqui tens dinheiro e vê se com elle me edificas uma casa para ahi residirmos  
«Procurei um architecto, nos chamos o contracto, e construir-se a casa. Não houve difficuldades, nem com o architecto, nem com o empreiteiro, pelo que me enchi de confiança.»

Entretanto, o joven Rockefeller trabalhava e ganhava algum dinheiro. Escreve elle:

«Entre esses trabalhos havia um, de que me recordo com prazer e que eu executara, durante dias seguidos, para um lavrador da visinhança. Cavava batatas. Tinha uns 14 annos e taabalhava durante quasi todo o dia, median-

te uns doze vintens. Economisava tudo. Mas vim a perceber que, emprestando, por exemplo, 50 mil reis durante um anno, ao juro legal de 5 por cento, podia ganhar tanto dinheiro quanto ganhava em 10 dias a cavar batatas.

«Desde então esta idéa agarrou-se-me á cabeça, e comprehendí que mais valia que o dinheiro fosse meu escravo, que eu escravo d'elle».

Em 1855, depois de alguns estudos n'uma escola de commercio, consguiu entrar n'uma casa commercial. Mas não se importou, em pedir ordenado. O que elle queria era colocação, e só pediu que lhe pagassem os salarios em debito um anno depois. Ali se conservou até ao 1º de Abril de 1957, epoca em que teve occasião de se associar com outro camarada.

O exito dos negocios

Com um conto de reis que tinha economisado, e com mais outro conto de reis que o pae lhe emprestou ao juro de 10 por cento, associou-se no seu primeiro negocio, cujo capital total era de proximoamente 4:000\$000 réis. Tudo correu bem. Fala Rockefeller:

«E' claro que os lucros não muito grandes. Mas ainda assim andavam por uma quantia igual ao dinheiro que tinhamos empata-do, eu e o meu socio».

Os lucros como se vê eram de 100 por 100, mas Rockefeller não os julgava lá muito grandes. Querria mais. Uma das circumstancias que mais o ajudou, foi a confiança dos banqueiros, que muitas vezes o salvou da ruina. Os banqueiros acreditavam n'elle e no socio. Quando iam pedir-lhes dinheiro, sempre os banqueiros lhes respondiam.

—Está bem. Vocês são negociantes honrados. Quanto precisam?

A proposito d'esta confiança dos banqueiros, d'esta *mascotte*, Rockefeller escreveu.

Como é agradável ouvir dizer a um homem que tem confiança em nós que acredita na nossa palavra! E que felicidade não foi a minha, sentir que todos aquelles com que tive relações, experimentavam uma confiança cega em mim! Muitos d'elles já morreram, mas muitas vezes recordo os seus nomes com prazer.

Mas Rockefeller, no seu artigo, occulta o essencial:—Como foi que arranhou a sua immensa fortuna, sem ao mesmo tempo causar a desgraça de centenas de familias; e como é que, sendo tão rico, tão espantosamente rico, não dá uma esmola a um pobre, nem auxilia,

em qualquer empreendimento, quem d'elle se acerca requerendo-lhe ajuda. D'isto, não curou em explicar-se o ricoço. Tambem não contou se, ao ter noticia dos inumeros suicidios que o seu egoismo produziu, teve lagrimas de remorsos, ou sorrisos de contentamento. O milionario conclue d'esta forma o seu artigo,—com um conselho:

«Este conselho,—escreve elle, —consiste em nunca perder a coragem, em não desanimar nunca.»

O conselho é bom. Ha milhares e milhares de homens em quem a coragem e animo, desde que nascem, se traduzem em trabalhar constantemente, para si e para os seus, tendo como premio final a miseria, que Rockefeller sorriu.

Das suas generosidades tambem não fallou o ricoço,—nunca tivera nenhuma.

CULINARIA

**Pudim de batata**—Tomam-se 600 grammas de assucar, 250 grammas de batata cozida e passada pela peneira, umas 30 grammas de manteiga, 12 gemas de ovos e um pouco de canela em pó.

Faz-se uma calda com o assucar, que se limpa e se deixa tomar ponto de cabelo; tira-se do lume, junta-se-lhe a manteiga e a batata, liga-se tudo muito bem e volta a lume brando.

Depois de ter engrossado e de se ter desfeito uma espuma branca que se forma, tira-se do lume, deixa-se arrefecer e juntam-se-lhe as gemas muito bem batidas. Leva-se depois ao forno em lata untada de manteiga e polvilhada com farinha.

Convém não o deixar secar muito no forno.

CANDIDO—DENTISTA

Largo dos Campos—Ovar

Participa aos seus amigos e freguezes que mudou o seu estabelecimento para aquelle Largo, onde executa todos os trabalhos dentarios e prothese com perfeição e modicidade de preços.

Collocam-se dentes desde 1\$000 sr. a 3\$500 rs.

O sargento apontou com o indicador para o céu, e, aproximando-se da porta, terminou:

—Morreu!

E deitou a correr pela estrada fóra, porque não tinha coragem de assistir áquelle lance angustioso. Não tinha animo, elle, que no calor da refrega, afrontára os maiores perigos!

Depois da ceia, o Miguel quiz ainda ver o seu papá, abriu o mappa, e quando chegou Criméa, disse:

—Eh! aqui está elle!  
—Já não está, meu filho—respondou-lhe a mãe a chorar.

O pequenito olhou para ella, e perguntou:

—Então?

—Está no céu!

—Está no...céo? Então vou procurar o céu.

E ficou, por muito tempo, debruçado sobre o mappa, a procurar onde ficaria o céu para ver o seu papá, até que deixou pender a sua loira cabecinha sobre o livro, e adormeceu.

(Continua)

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

Está no céu

Coitadina da pobre! Ficava vivava aos vinte e cinco annos e com dois filhinhos que eram o seu encanto. O mais velho tinha sete annos e chamava-se Miguel, que era o nome do pae; o mais pequenino, contava apenas onze mezes, e tinha nascido pouco depois que o pae partiu para a terrivel guerra da Criméa.

De uma vez, depois de cearem, a mãe, para que o Miguel não fizesse bulha e acordasse o menino, chamou-o para ao pé de si, abriu a carta geographica, e disse-lhe: —Olha, meu filho, onde está o teu querido papá?

O pequenito abriu muito os olhos, e res; ondeu a sorrir!

—Na guerra! Pum! Pum!

—Anda vêr onde elle está.

E, pegando-lhe na mãosinha,

fechou-lhe os tres dedos mais pequenos, estendeu-lhe o indicador, e foi-lh'o levando por todas as terras por onde o pae tinha seguido. O dedo da creança ia subindo montanhas, descendo aos valles, atravessando as planicies, costeando pelo litoral e cortando o mar. O pequeno balbuciava todos os nomes que a mãe proferia. Quando chegou á Criméa parou. Ergueu a sua cabecinha loura, e levantou os olhos para a luz do candieiro, a vêr se elle lhe fazia a mercê de o alumiar bem. Depois levou a mão ao *abat-jour* e tirou-o para o lado.

—Deixa o candieiro, meu filho.

—Ora, ora—exclamou o Miguel, fazendo biquinho.

—Deixa, meu filho—pedia a mãe.

—Eu quero vêr o papá.

E debruçou-se outra vez sobre a carta, a procurar com o olhar investigador um ponto qualquer.

A mãe, n'esse instante, com o mais novinho adormecido nos braços, olhou para o crucifixo, que tinha pendurado á cabeceira, e principiou a rezar baixinho, com

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

**RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28**

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

**PORTO**

### EXTRACTO DO CATALOGO

DAS  
Obras á venda no BAZAR FENIANO  
DE

**ANTONIO DA SILVA SANTOS**

224, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Almanak do Velho Astrologo Saragoçano	60
Almanak Imperador dos Seringadores	60
Almanak Propheta da Europa	40
Cancioneiro popular das festas do Menino de Deus, ou Repositorio completo de todas as cantigas de boas-festas do Natal, Janeiras e Santos Reis.	60
Novas cantorias cantadas ao desafio entre Manoel e Maria.	60
Orações de Nossa Senhora do Monserrate, do Justo Juiz de Nazareth e das Cinco Chagas. Cada uma	10
Ramalhete de cantigas populares portuguezas (n.º 1)	60
Reportorio do Importante Saragoçano, pelo astrologo trasmontano	20
Reportorio do verdadeiro Borda Leça, pelo mesmo	20
Reportorios do verdadeiro Borda d'Agua (chapéo, carapuça estreita e carapuça larga). Cada um	20
Testamentos de diversos animaes (16 n.º). Cada um	10
Collecção completa: 1 vol. de 256 paginas, brochado	120
Verdadeira arte de cada pessoa conhecer a sua signa	20

Fazem-se grandes descontos aos snrs. revendedores.

## ESTAÇÃO CALMOSA

Sou forçado a não mais ao LUZIO  
O seu VINHO gabar no JORNAL;  
Pois é justo, eu digo e repito  
Que depressa termine este mal.

—As DONZELLAS SOLTEIRAS já 'stão  
C'o as VENTAS TORCIDAS, zangadas;  
E já muitas mandaram calar-me  
Sob pena das CALÇAS... TIRADAS.

E' o cazo. S'eu fosse escrevendo  
Estes versos; eu bem desconfio!  
—Os rapazes trocavam as PÉPIAS  
Por um copo do TAL... do Luzio.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO**

## MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender  
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

## Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinhas, rewolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

**BAZAR DOS CAÇADORES**

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.